



**SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento  
DERAL - Departamento de Economia Rural**

**Situação Conjuntural dos Últimos Anos e Prognóstico da Pecuária de Corte  
Dezembro de 2018**

**Mundo e Brasil**

Segundo o USDA, o rebanho mundial de bovinos está em torno de 1 bilhão de animais. A Índia primeiro colocado, neste “ranking” representa 30% desse total, com mais de 300 milhões de bovinos e bubalinos em seu território. Em seguida estão o Brasil, China, Estados Unidos e União Europeia.

A Tabela abaixo apresenta a evolução do rebanho mundial desde 1995, em milhões de cabeças, segundo dados do USDA.

TABELA 01 – Rebanho Mundial de Bovinos de Corte

<b>Rebanho mundial</b>		
<b>Ano</b>	<b>Bovino</b>	<b>% ano</b>
1995	1.080,90	-
1996	1.051,84	-2,7%
1997	1.044,41	-0,7%
1998	1.038,47	-0,6%
1999	1.028,55	-1,0%
2000	1.028,92	0,0%
2001	1.020,07	-0,9%
2002	1.022,86	0,3%
2003	1.018,55	-0,4%
2004	1.013,69	-0,5%
2005	1.017,93	0,4%
2006	1.024,24	0,6%
2007	1.024,00	0,0%
2008	1.026,41	0,2%
2009	1.028,11	0,2%
2010	1.008,95	-1,9%
2011	1.002,41	-0,6%
2012	1.001,72	-0,1%
2013	1.005,29	0,4%
2014	1.008,57	0,3%
2015	979,63	-2,9%
2016	988,59	0,9%
2017	998,31	1,0%

Fonte: USDA

Os Estados Unidos, apesar de possuírem apenas o quarto maior rebanho do planeta, são os mais eficientes na produção de carne bovina com cerca de 11,6 milhões de toneladas ao ano (18,8% do que é produzido no mundo). O Brasil, União Europeia, China e Índia completam a lista dos principais produtores de carne bovina, com 9,2, 7,8, 6,9 e 4,2 milhões de toneladas anuais, respectivamente.

Como já citado, o Brasil apresenta o segundo maior rebanho bovino do mundo, atrás apenas da Índia. É o maior exportador e segundo colocado no “ranking” da produção mundial de carne bovina, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

Atualmente o Brasil conta com um rebanho de 214,9 milhões de bovinos (ano 2017), tem 21,4% do total de animais do planeta. É importante destacar que os 5 maiores rebanhos mundiais detêm mais de 70% dos animais ao redor do mundo.

Com este efetivo de 214,9 milhões de cabeças, o Brasil apresentou uma queda de 1,5% em relação ao ano anterior.

De acordo com a Pesquisa Pecuária Municipal (IBGE), a Região Centro-Oeste, apresentou um rebanho de 74,1 milhões de cabeças, correspondendo a 34,5% do total nacional em 2017. O Estado do Mato Grosso confirmou sua posição e abriga o maior plantel bovino do país, com 13,8% do total nacional, cerca de 29,7 milhões de cabeças.

Este Estado é responsável pelo maior volume de abate bovino do País, nele estão situados grandes frigoríficos.

<b>TABELA 02 - Variável - Efetivo dos rebanhos (Cabeças)</b>				
<b>Tipo de rebanho - Bovino</b>				
“ Ranking ”	Brasil e Grande Região	Ano		Variação %
		2016	2017	
	Brasil	218.199.581	214.899.796	-1,5
1	Centro-Oeste	75.112.421	74.128.217	-1,3
2	Norte	47.983.190	48.471.454	1
3	Sudeste	39.123.700	37.529.834	-4
4	Nordeste	28.402.484	27.736.607	-2,3
5	Sul	27.577.786	27.033.684	-1,8

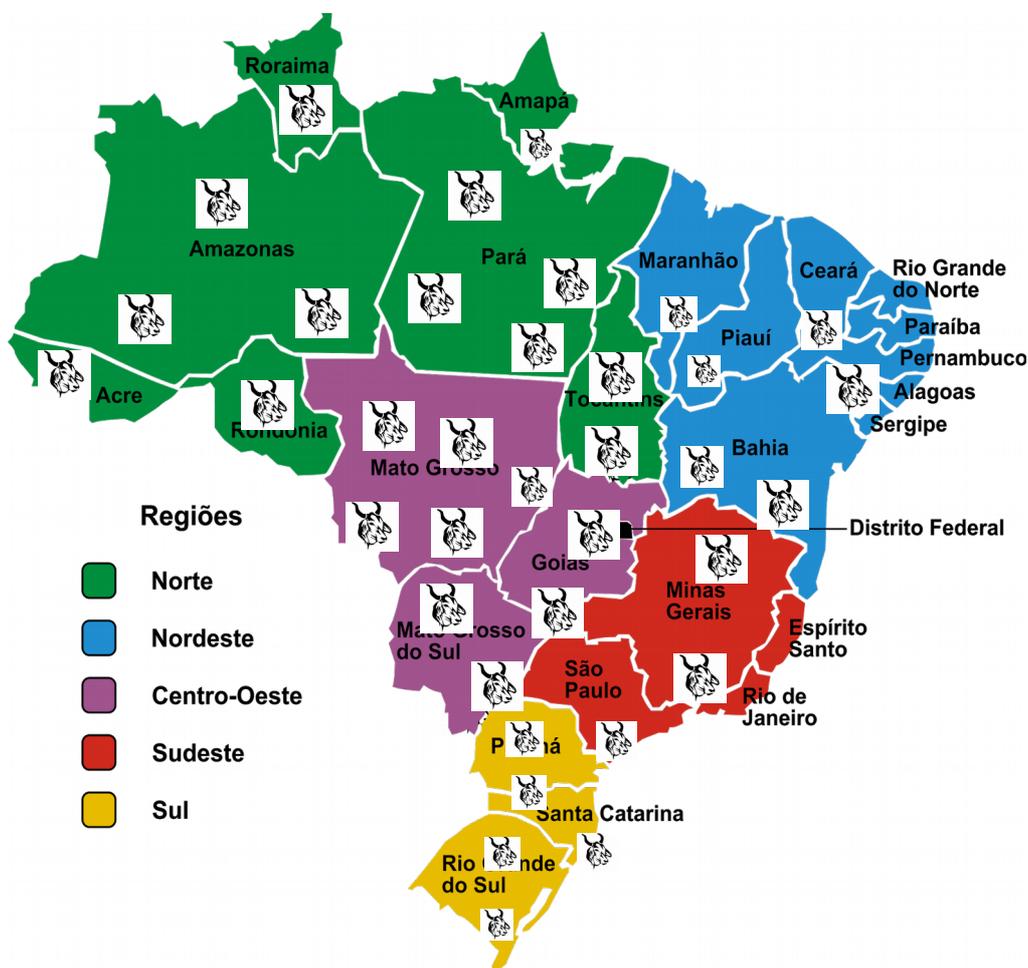
Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal

Como já citado, o rebanho bovino brasileiro apresentou queda em 2017, em relação ao ano anterior. Todas as regiões tiveram baixa, mesmo a região centro-oeste aonde se

situa o maior rebanho brasileiro a queda foi de 1,3%. Apenas a região Norte teve crescimento de 1% entre os anos, confirmando a tendência de crescimento da pecuária nesta região.

Esta migração da pecuária brasileira para estados do Norte, se justifica por alguns fatores como: terras mais baratas, muitas áreas ainda a serem exploradas com potencial para produção, clima e pastagens atrativos para a atividade pecuária entre outras facilidades.

**FIGURA 01 – Concentração da Pecuária Bovina Nacional**



Apesar do crescimento das lavouras, principalmente de milho e soja no Centro-Oeste brasileiro, esta é ainda a região pecuária mais importante do país.

## Números do Cenário Nacional

De acordo com os dados da Pesquisa Pecuária Municipal (IBGE/2017), entre os estados, Mato Grosso mantém a posição de primeiro lugar no “ranking” do número de cabeças com 29,7 milhões de animais, embora o rebanho tenha caído 1,9% em relação a 2016. Minas Gerais posicionou-se em 2º lugar, com 21,9 milhões de cabeças (-7,1%) em relação ao ano anterior, embora este estado tenha grande número de animais especializados na produção leiteira que compõe este número. O Paraná ficou em décimo lugar com 9,3 milhões de bovinos, com queda de 1,2% em relação a 2016, deste total aproximadamente 6 milhões fazem parte do rebanho de corte.

**TABELA 03 - Brasil – Efetivo Bovino – Unidades da Federação e Variação Anos (2016/17)**

Efetivo do Rebanho Bovino (Cabeças)				
“Ranking”	Unidade da Federação	Anos		Variação %
		2016	2017	
1	Mato Grosso	30.296.096	29.725.378	-1,9
2	Minas Gerais	23.637.803	21.950.446	-7,1
3	Goiás	22.919.070	22.835.005	-0,4
4	Mato Grosso do Sul	21.800.990	21.474.693	-1,5
5	Pará	20.476.783	20.585.367	0,5
6	Rondônia	13.682.200	14.091.378	3,0
7	Rio Grande do Sul	13.590.282	13.360.684	-1,7
8	São Paulo	11.031.408	11.110.545	0,7
9	Bahia	10.363.291	10.037.814	-3,1
<b>10</b>	<b>Paraná</b>	<b>9.487.999</b>	<b>9.370.139</b>	<b>-1,2</b>
11	Tocantins	8.652.161	8.738.477	1,0
12	Maranhão	7.653.870	7.687.695	0,4
13	Santa Catarina	4.499.505	4.302.861	-4,4
14	Acre	2.998.969	2.858.419	-4,7
15	Ceará	2.426.408	2.259.169	-6,9
16	Rio de Janeiro	2.409.718	2.531.239	5,0
17	Espírito Santo	2.044.771	1.937.604	-5,2
18	Pernambuco	1.895.185	1.790.030	-5,5
19	Piauí	1.639.856	1.625.006	-0,9
20	Amazonas	1.315.821	1.343.574	2,1
21	Alagoas	1.198.798	1.196.991	-0,2
22	Sergipe	1.196.248	1.067.121	-10,8
23	Paraíba	1.187.981	1.202.781	1,2
24	Rio Grande do Norte	840.847	870.000	3,5
25	Roraima	780.877	787.318	0,8
26	Distrito Federal	96.265	93.141	-3,2
27	Amapá	76.379	66.921	-12,4

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal

Na tabela anterior podemos avaliar que ocorreram quedas nos rebanhos bovinos de 17 estados entre os anos de 2016 e 2017. No mesmo período observamos alta nos rebanhos de 10 estados, portanto em 2017 as quedas foram mais significativas. Entre as diversas razões para este cenário estão: os altos custos de produção, descapitalização dos produtores em alguns momentos, crise econômica, crescimento de culturas agrícolas sobre áreas de pecuária, aumento no abate de matrizes, influenciado por menores cotações observadas do bezerro e da arroba. Além disso, em 2017 ocorreram adversidades climáticas (estiagens em alguns períodos e excesso de chuvas em outros), além de outros problemas como mercado incerto e flutuante, devido a situações, como a operação carne fraca.

Ainda nesta tabela, podemos analisar o desenvolvimento principalmente da região Norte do país na pecuária de corte, se destacando os Estados de Rondônia, Tocantins e Pará, com destaque para o Pará com 20,5 milhões de cabeças, crescendo 0,5 % em relação ao ano de 2016 (20,4 milhões de cabeças).

Estes três estados apresentaram crescimento entre os anos de 2016 e 2017. Destacando Rondônia com 3,0% de crescimento neste período. O Estado do Rio de Janeiro foi o que mais cresceu na comparação entre estes anos (5,0%).

### **Abates**

No ano de 2016, o Brasil abateu 29,7 milhões de cabeças bovinas, volume 3,7% inferior ao ano que 2017, quando foram abatidas 30,8 cabeças.

Acompanhando o acréscimo nos abates, a produção de carne logicamente também se elevou. Em 2017 o Brasil produziu 7,7 milhões de toneladas de carne bovina, com alta de 5,4% em relação o ano de 2016 quando a produção foi de 7,3 milhões de toneladas.

Comparando-se janeiro a junho dos anos de 2017 e 2018 o volume de animais abatidos também apresentou acréscimo de 4,0% (14,8 milhões de cabeças em 2017, contra 15,4 milhões em 2018).

A produção de carne no país também se elevou comparando-se este período (1º e 2º trimestre de 2017/18), a alta foi de 5,5% (3,6 milhões de toneladas em 2017 para 3,8 em 2018/ janeiro a junho).

Este aumento se deve a alguns fatores como: recuperação nas cotações da arroba, valorização de categorias de reposição, especialmente os bezerros, aumento das exportações e abertura de novos mercados, entre outros fatores.

Nos últimos anos os preços a arroba reagiram, mas continuou o avanço das áreas principalmente de soja sobre as pastagens devido aos elevados preços da saca da oleaginosa, além disso o grande volume de matrizes abatidas levou a uma baixa na produção e valorização das categorias de reposição, o que encareceu a produção do boi gordo, mas favoreceu os pecuaristas produtores de bezerras.

### ***Mercado Externo – Balança Comercial***

**TABELA 04 - BRASIL - Exportações de carnes: bovina (2011 a 2018\*)**

<b>Ano</b>	<b>Volume (T)</b>	<b>Valor (US\$ FOB)</b>
<b>Carne Bovina</b>		
2017	1.476.988	6.069.264.006
2016	1.348.870	5.338.511.597
2015	1.361.396	5.795.100.705
2014	1.545.047	7.148.919.141
2013	1.504.317	6.660.011.367
2012	1.242.492	5.744.134.848
2011	1.095.601	5.348.496.552

Fonte: Agostat Brasil a partir de dados da SECEX/MDIC  
Nota: carne bovina (miudezas, in natura e industrializada);

Elaboração: SEAB/DERAL  
Obs.: 2018\*(jan-nov)

No ano de 2017, as exportações de carne bovina foram 9,5% maiores em volume e 13,6% maiores em receita em relação ao ano anterior (2016). Este resultado foi decorrente de uma boa oferta de carnes, conquista de novos mercados e valorização do dólar. No ano de 2017, o dólar subiu 1,99% no acumulado dos doze meses de 2017, tendo fechado o último pregão de dezembro cotado a R\$ 3,31.

Este cenário leva em conta a retomada das exportações de carne bovina “in natura” para os Estados Unidos, a liberação de Cingapura para embarques de carne com osso e miúdos, a ampliação da cota permitida pela União Europeia para vendas do Mercosul e o incremento de plantas habilitadas a vender à China.

Entre janeiro e novembro de 2017, a China, elevou suas compras de carne bovina brasileira em 25%, para 188 mil toneladas, figurando como segundo maior importador, atrás apenas de Hong Kong.

As altas aconteceram mesmo após um 2017 tumultuado para o setor pecuário brasileiro, com a Operação Carne Fraca, delações da JBS e embargos por Rússia e Estados Unidos.

Segundo o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC) Jorge Camardelli, "A Operação Carne Fraca teve muito pouco impacto em conceito de qualidade... Houve retomada imediata das exportações... Ficou constatado que outros players internacionais não conseguiram suprir a oferta de carne brasileira, e os compradores voltaram importando em grandes volumes".

Em abril, logo após a Carne Fraca, as exportações de carne do Brasil caíram para 88,6 mil toneladas, de 120,5 mil toneladas em março (queda de 26,5%). Em maio, contudo, voltaram a subir para 113,0 mil toneladas e continuaram a avançar até atingir um pico de 145,4 mil toneladas em agosto.

**TABELA 05 - BRASIL - Exportações de carnes bovina (janeiro a outubro anos 2017 e 2018)**

Ano	Volume (T)	Valor (US\$ FOB)
<b>Carne Bovina</b>		
2017	1.203.381	4.922.125.215
2018	1.330.054	5.350.459.735
Variação %	10,5	8,7

Fonte: Agrostat Brasil a partir de dados da SECEX/MDIC  
Nota: carne bovina (miudezas, in natura e industrializada);

\*jan-out

Fazendo um comparativo da época atual, observamos que de janeiro a outubro de 2018, o país exportou um volume 10,5% maior que no ano de 2017 (jan a out), acompanhando esta tendência, no mesmo período a receita obtida foi 8,7% maior em 2018, em relação a 2017. Entre as causas deste crescimento está, valorização do dólar, abertura de novos mercados e crescimento da produção de carnes, embora as adversidades sofridas pela cadeia nos últimos anos.

Segundo levantamento do SINDICARNES-PR, no período de janeiro a setembro (2018), Hong-Kong liderou a lista dos principais países importadores da carne bovina brasileira, com 24,2% do total exportado em volume, seguido da China com 19,1%, Egito 3º lugar com 10,5%, Chile na 4ª posição com 7,1%, Irã na 5ª posição com 5,5%, Uruguai que entre os anos de 2017 a 2018, aumentou o volume de suas importações em 1305%, ficou na 6ª colocação com 3,1%. Este país, posicionou-se como um produtor de carne

bovina de alta qualidade e se diferencia dos demais países sul-americanos no mercado global, com base em seu sistema nacional de identificação de gado, normas sanitárias rígidas e ampla transparência ao longo da cadeia de fornecimento. Seu maior mercado de exportação também é a China, com mais de 160.000 toneladas exportadas em 2017.

A Arábia Saudita, encontra-se na 7ª colocação com 2,6% de participação e os Estados Unidos na 8ª posição, representando 2,0% do destino das vendas brasileiras de carne bovina. Além da Rússia, que ao final de 2017, impôs restrições à carne bovina e suína brasileiras, as maiores quedas nas importações entre os grandes clientes do Brasil, considerando os meses de (janeiro a setembro de 2017/18), foram as do Estados Unidos (-24%); Irã (-26%) e Arábia Saudita (-15%). Neste total, até o mês de setembro, 95 países ampliaram suas aquisições e outros 55 reduziram.

“Após uma maratona de visitas diplomáticas e auditorias, o Brasil voltou a ter acesso ao mercado russo e os reflexos da retomada das exportações para o país já começaram a ser sentidos. Até a segunda semana de novembro, o volume diário embarcado foi 35% superior ao embarcado em outubro.

Importante destacar que a demanda recua no fim do ano devido ao inverno rigoroso, que dificulta a logística por congelar as águas próximas aos portos da Rússia.

Mas, de qualquer maneira, é possível que a necessidade russa permaneça grande por um longo período, tendo em vista os elevados custos de produção em função da importação de grãos e também as estruturas necessárias para enfrentar duros invernos.

Ou seja, os russos não podem contar muito com a própria produção interna. E 2018 mostrou que eles acabam sendo mais dependentes do Brasil do que o contrário.

Por fim, é importante salientar que a demanda russa pode não demonstrar todo seu potencial nessa reta final do ano (2018), mas as perspectivas para 2019 são positivas para as exportações.

A Rússia, por sua extensão territorial e população, associadas às limitações climáticas e ambientais é um importante importador de proteínas de origem animal, e, durante muitos anos foi um mercado muito estratégico para o Brasil.

Frente a esse embargo e ao bom histórico de demandas do país, esperava-se que as exportações brasileiras diminuíssem de ritmo ao longo de 2018, porém, importantes compradores, como China e Hong Kong, estão garantindo bons volumes de embarque para o Brasil”. (Fonte: site - [www.pastoextraordinario.com.br](http://www.pastoextraordinario.com.br))

## Estado do Paraná

O Estado do Paraná no ano de 2017, segundo o IBGE, apresentou um rebanho bovino composto por 9,4 milhões de cabeças. Destas aproximadamente 6 milhões formam o rebanho de corte. O estado é o 10º colocado no “ranking” do número de cabeças e participa com 4,4% do total do rebanho brasileiro, formado por 215 milhões de cabeças.

**TABELA 06 - BRASIL e PARANÁ - Pecuária: Efetivo do Rebanho (cabeças), 2017**

<b>Tipo de Rebanho</b>	<b>Brasil</b>	<b>Paraná</b>	<b>Partic.%</b>	<b>“Ranking”(º)</b>
<b>Bovinos</b>	215	9.4	4,4	10

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal (PPM)-2015

Na tabela a seguir podemos observar o crescimento no número de cabeças abatidas (7,1%) e produção de carne (6,7%) no ano de 2017 em relação ao ano de 2016.

**TABELA 07 - PARANÁ - Abate de Bovinos, com Serviço de Inspeção Federal, Estadual e Municipal - SIF, SIP, SIM - 2011 a 2017**

<b>Ano</b>	<b>Nº de cabeças abatidas</b>	<b>Produção de Carne (Kg)</b>
<b>Bovinos</b>		
2017	1.283.978	309.643.264
2016	1.198.329	290.104.677
2015	1.246.716	300.302.908
2014	1.450.453	336.966.026
2013	1.424.743	333.179.882
2012	1.346.753	314.985.686
2011	1.204.666	279.585.426

IBGE: Pesquisa Trimestral do Abate de Animais / Ano 2011 a 2018\*(jan a junho)

Este aumento se deve a alguns fatores, como aumento na taxa de abate de fêmeas, gerado principalmente pela substituição da pecuária de corte por atividades agrícolas especialmente o cultivo da soja, cana-de-açúcar e milho. Atividades que tem se mostrado mais rentáveis que a pecuária de corte tradicional, sem uso de tecnologias e ineficiente.

Melhoria nas cotações da arroba, aumento das exportações, entre outros fatores que estimularam a comercialização dos animais.

Segundo o IBGE, Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) o número de cabeças de bovinos (rebanho estático) diminuiu 1,2% entre os anos 2016/17. Mesmo com a queda no rebanho o número de abates aumentou, o que nos confirma a teoria do acréscimo no abate de matrizes. Entretanto não podemos esquecer que nossa pecuária de corte tem evoluído em termos de produtividade, os índices zootécnicos têm melhorado, como: taxa de desfrute, idade ao primeiro parto, taxa de fertilidade, idade de abate, aumento de produção de carne por (ha), taxa de lotação entre outros. A melhoria destes índices nos faz sermos mais eficientes na produção, ou seja, produzimos mais, em menores espaços e muitas vezes com rebanhos menores, entretanto mais produtivos.

**TABELA 08 - PARANÁ - Abate de Bovinos com Serviço de Inspeção Federal, Estadual e Municipal - SIF, SIP, SIM – Comparativo 2017 – 2018 (\*jan a junho)**

Ano	Nº de cabeças	Prod. Carne (mil toneladas)
<b>Bovinos</b>		
2017*	589.354	141,4
2018*	678.086	164,4

IBGE: Pesquisa Trimestral do Abate de Animais / Ano 2017 e 2018\* (jan a junho)

No comparativo do primeiro semestre de 2017 e 2018, o número de cabeças abatidas se elevou em 15%, a produção de carne se elevou em 16,2%.

### **Cotações da Arroba**

**TABELA 09 - PARANÁ – Preços Pagos aos Produtores – Arroba do Boi – Médias Anuais e Dia 11/12/2018**

Ano	Valor (R\$/@)
2014	121,86
2015	143,95
2016	148,65
2017	138,65
2018 (*janeiro a novembro)	143,16
Preço dia 11/12/2018	152,10
Varição 2014/*2018	<b>25%</b>
Varição 2017/2018*	<b>9,7%</b>
Varição 2018* e dia 11/12/18	<b>6,2%</b>

Fonte: SEAB/DERAL

Conforme a tabela acima, os preços da arroba do boi gordo elevaram-se em 25% na comparação do ano de 2014 ao ano de 2018 (jan a nov). Comparando-se 2017 a 2018 (jan a nov), a variação foi de 9,7% e analisando um período mais curto, ano 2018 (jan a nov) ao dia 11/12/2018 a variação foi de 6,2%.

Estes números seguem uma tendência de alta, apesar das adversidades já citadas enfrentadas pela cadeia, o que nos faz acreditar em um futuro otimista para a pecuária de corte. A valorização da cria deve ocasionar uma maior retenção de matrizes, a combinação, menor oferta e crescimento das exportações devem contribuir para a sustentação dos preços da arroba no mercado interno.

**TABELA 10 - PARANÁ – Preços Pagos aos Produtores – Boi Magro – Médias Anuais e Dia 11/12/2018**

<b>Ano</b>	<b>Valor (R\$/cabeça)</b>
2014	1.331,43
2015	1.630,35
2016	1.663,45
2017	1.545,53
2018 (*janeiro a novembro)	1.663,75
<b>Variação 2014/*2018</b>	<b>25%</b>
<b>Variação 2017/2018*</b>	<b>7,6%</b>

Fonte: SEAB/DERAL

Acompanhando as cotações da arroba, os preços do boi magro apresentaram variações, coerentes. Na comparação do ano de 2014 e 2018, a variação da categoria foi exatamente a mesma que da arroba no mesmo período (25%). Comparando-se o ano de 2017 e \*2018 (jan a nov) a variação foi de 7,6%, também semelhante a variação da arroba.

**TABELA 11 - PARANÁ – Preços Pagos aos Produtores – Arroba do Vaca – Médias Anuais e Dia 11/12/2018**

<b>Ano</b>	<b>Valor (R\$/@)</b>
2014	112,21
2015	133,83
2016	138,92
2017	127,79
2018 (*janeiro a novembro)	130,95
Preço dia 11/12/2018	138,95
Varição 2014/*2018	<b>17%</b>
Varição 2017/*2018	<b>2,5%</b>
Varição *2018 e dia 11/12/18	<b>6,1%</b>

Fonte: SEAB/DERAL

Os preços da vaca em pé também seguiram a rota de alta no decorrer do período analisado. Entre os anos de 2014/\*18 os preços se elevaram em 17%. Entre os anos de 2017 e \*2018 a alta foi de 2,5%, variação menor que a alta do boi no período (9,7%). O acréscimo de 6,1%, registrado da média de 2018 (jan a nov) e do dia 11/12/18, foi praticamente igual ao da arroba do boi no período (6,2%).

Este ano, alguns fatores têm contribuído para a manutenção das cotações em patamares mais elevados, mesmo fora da entressafra. Alguns destes fatores são:

- Oferta limitada de animais terminados (gordos);
- Aumento das exportações;
- Adversidades climáticas no decorrer do ano, excesso de chuvas em algumas épocas e estiagem em outras (a estiagem de quase 60 dias que antecedeu o inverno, atrapalhou muito o desenvolvimento das pastagens cultivadas, aveia e azevém, atrasando a engorda a campo no Sul do país);
- A alta dos custos de produção e incertezas políticas e de mercado, reduziram a intenção de investir em confinamentos;

**TABELA 12 - PARANÁ – Pesquisa dos Preços Pagos – Bezerros – Médias Trimestrais**

<b>Mês</b>	<b>Bezerra até 1 ano (desmama)</b>	<b>Bezerro até 1 ano corte Nelore Cruza Industrial</b>
Fevereiro/18	918,17	1.141,17
Mai/18	894,92	1.148,25
Agosto/18	940,45	1.223,75
Novembro/18	972,50	1.212,04
Novembro/17	918,83	1.062,59
Novembro/18	972,50	1.212,04
<b>Varição % (17/18)</b>	<b>5,8</b>	<b>14,1</b>

Fonte: SEAB/DERAL – Pesquisa dos Preços pagos pelos produtores (trimestral)

No quadro acima podemos analisar as cotações do bezerro e atestar que realmente foi a categoria de reposição das que mais se elevou nos últimos anos.

Se compararmos o mês de novembro de 2017 ao mesmo mês de 2018 a variação foi de 14,1%. Nos mesmos meses, analisando o preço da arroba do boi, a alta observada foi de 7,8%, pouco mais que a metade da variação observada no bezerro (14,1%).

Esta valorização do bezerro, tem como principal causa o elevado abate de matrizes que já vêm ocorrendo a alguns anos, devidos a situações conjunturais já descritas neste documento como: queda na rentabilidade, liberação de áreas para atividades agrícolas, etc...

### ***Paraná – Balança Comercial***

**TABELA 13 - PARANÁ - Exportações de carnes bovina (2011 a 2017)**

<b>Ano</b>	<b>Volume (T)</b>	<b>Valor (US\$ FOB)</b>
<b>Carne Bovina</b>		
2017	28.845	106.955.087
2016	30.625	107.505.670
2015	23.720	77.446.301
2014	29.377	110.627.883
2013	22.169	74.594.303
2012	18.453	61.886.538
2011	13.556	52.515.295
2011	61.443	152.885.377

Fonte: Agrostat 1Brasil a partir de dados da SECEX/MDIC  
Nota: carne bovina (miudezas, in natura e industrializada);

Elaboração: SEAB/DERAL  
Obs.: 2018\* (jan-out)

As exportações paranaenses de carne bovina, apresentaram pequena queda no ano de 2017, comparando-se aos números atingidos em 2016. Em valor a queda foi de 0,5% e em volume de 5,8%. Esta queda, embora pequena se explica pelo ano atípico que tivemos no mercado da carne, com crise econômica, aumento dos custos, perda de mercados importadores e queda, mesmo que momentânea, nas exportações devido a operação carne fraca.

**TABELA 14 - PARANÁ - Exportações de carnes bovina (2017 e 2018)\***

Ano	Volume (T)	Valor (US\$ FOB)
<b>Carne Bovina</b>		
2017*	23.552	87.258.513
2018*	27.232	104.166.609
Variação %	15,6	19,3

Fonte: Agrostat 1Brasil a partir de dados da SECEX/MDIC  
Nota: carne bovina (miudezas, in natura e industrializada);

Elaboração: SEAB/DERAL

\*jan-outubro

Como podemos analisar na tabela anterior, as exportações paranaenses têm mostrado recuperação no ano de 2018. Na comparação dos meses de janeiro a outubro de 2017/18, as vendas externas cresceram 15,6% em volumes e 19,3% em receita.

Este acréscimo na receita e volumes enviados se deve principalmente a abertura de novos mercados, valorização do dólar e boa aceitação do nosso produto no mercado externo. As exportações contribuem como fator importante, que ajudam na sustentação da cadeia, especialmente em anos de crise econômica, queda no poder aquisitivo da população e redução no consumo interno.

Os principais destinos da carne bovina paranaense em 2018 foram:

\*ranking de volume exportado:

- 1º lugar – Hong-Kong, representando 31,3% do total do volume exportado;
- 2º lugar - Israel com 18,7%;
- 3º lugar - Chile com 15,8%;
- 4º lugar - Irã com 11,6%;
- 5º lugar - Paraguai com 8,1%;
- 6º lugar - Uruguai com 2,9%;
- 7º lugar - Emirados Árabes, representando 2,6% do total exportado pelo Paraná;

A Rússia, país que já esteve de 2004 a 2017, entre os cinco maiores compradores da carne bovina *in natura* brasileira, sendo que, por 11 anos consecutivos, permaneceu em primeiro lugar no pódio, em 2018 no “ranking” nacional não aparece entre os 20 principais destinos, tendo pouca participação, devido o já citado embargo que ocorreu em 2017.

No “ranking” paranaense este país aparece em 13º lugar com, 0,6% do total exportado pelo Estado entre os meses de janeiro a setembro de 2018.

Importante destacar que, apesar de aproximadamente quatro quintos da produção de carne ficar no mercado interno, o mercado externo é um importante elo de ajuda na sustentação dos preços dos produtos no mercado doméstico.

### ***Programa de Governo de Apoio a Pecuária de Corte***

#### ***Programa Pecuária Moderna***

A pecuária de corte paranaense perdeu na última década espaço para a agricultura, especialmente, para os cultivos de soja, milho, cana-de-açúcar e nos últimos anos em menor escala florestas. As baixas cotações da arroba que foram praticadas em anos anteriores, fizeram muitos produtores mudarem para atividades agrícolas, abatendo suas matrizes produtivas e diminuindo o número de cabeças no estado, assim como a menor oferta de animais de reposição, como bezerros e bois magros.

Entretanto, nos últimos anos, a situação vem mudando. O ciclo pecuário, a baixa oferta de animais e a situação conjuntural mundial de redução de oferta e altos custos para se produzir, ocasionaram valorização nas cotações da arroba, situação que vem sendo mantida.

O Estado do Paraná dentro deste cenário, têm enorme potencial na produção de carnes nobres com valor agregado, pois possui vantagens como: clima adequado e condições para se produzir alimentos de qualidade, para a criação de raças especializadas na produção de carnes diferenciadas, como o caso das raças britânicas e seus cruzamentos. Além disso o estado é pioneiro em sistemas de produção organizada e de qualidade, como é o caso das Alianças Mercadológicas que mais tarde viraram Cooperativas, fidelizando e profissionalizando pecuaristas, agregando valor ao produto final e cativando consumidores que passaram a conhecer e apreciar cortes diferenciados em termos de maciez e sabor.

O Programa Pecuária Moderna é uma iniciativa a nível estadual que visa modernizar e estruturar a cadeia da pecuária de corte paranaense, com o objetivo de aumentar a produtividade dos rebanhos, não só em número mas em qualidade de carne, para que possam ser atingidos nichos diferenciados de mercados, os quais pagam valor agregado por este produto.

Para este propósito precisa-se melhorar os índices zootécnicos da pecuária de corte estadual, que na média ainda estão muito aquém do que pode ser atingido. Para se elevar estes índices será necessário a participação e comprometimento de todos os elos da cadeia, como: produtores, indústria e técnicos.

**TABELA 15 – Índices Técnicos que serão perseguidos nesta Proposta**

<b>Índices Técnicos</b>	<b>Unidade</b>	<b>Situação Atual</b>	<b>Situação em 2022</b>
Idade Média de Abate	Meses	37	30
Produtividade	Kg carcaça/há/ano	137	210
Receita Bruta	R\$/há/ano	821,00	1.260,00
Lotação / pastagens	UA/há	1,4	2,0
Desfrute Médio	%	21	26
Natalidade	%	65	75
Mortalidade	%	3	2

Fonte: SEAB/EMATER

### ***Perspectivas***

A pecuária de corte tem passado por alguns períodos atípicos, principalmente os últimos dois anos. Clima adverso, com excesso de chuvas e frio em algumas épocas, calor e estiagem em outras, situação que atrasou o desenvolvimento de pastagens, reduziu a alimentação do gado e cresceu os custos de produção, que já se encontravam elevados. Além disso, tivemos a Operação Carne Fraca no primeiro semestre de 2017 e a greve dos caminhoneiros no primeiro semestre de 2018.

A atual época (4º trimestre), é normalmente de aumento na oferta e redução nas cotações da arroba, que se acentuam no pico da safra em março, abril e maio, quando os produtores vendem seus animais gordos antes da entrada do inverno. Entretanto, fatores atípicos e as adversidades já citadas, reduziram a oferta de

animais, fator que tem contribuído para elevação e sustentação nas cotações da arroba. Em muitas regiões do país se observam movimentos de alta, logicamente também impulsionada pelas festas de fim de ano, quanto o consumo fica aquecido, pelas comemorações somadas ao recebimento do 13º salário.

Com a melhoria do clima, as temperaturas mais elevadas e chuvas de janeiro, as pastagens deverão reagir, contribuindo conseqüentemente com a engorda dos animais, o que deverá melhorar a oferta, embora este acréscimo provavelmente não seja o suficiente para uma queda acentuada nas cotações da arroba, já que o problema da oferta não é somente uma questão pontual de época, é, também um fator nacional de alto abate de matrizes e redução de rebanho.

No Estado do Paraná, o cenário para a pecuária de corte sinaliza melhoras. A elevação dos preços da arroba e também das categorias de reposição como bezerros, garrotes e novilhas, tem estimulado os produtores a voltarem a produzir ou aumentarem seus rebanhos. A valorização do bezerro deve voltar a regular o volume de abates de matrizes.

A tendência não é de um avanço da pecuária sobre as áreas de agricultura e sim de uma maximização da produção nas áreas já existentes. Estudos e estatísticas mostram que podemos quase dobrar o rebanho paranaense, nas áreas já ocupadas por esta atividade, se forem utilizadas tecnologias de produção como: rotação e reforma de pastagens, integração lavoura-pecuária, implantação de sistemas silvopastoril, recuperação de solos e implantação de pastagens cultivadas e adubadas, manejo adequado, utilização de cruzamentos eficientes e utilização de genética superior, cuidados com alimentação, mineralização e suplementação dos rebanhos, assim como cuidados com a sanidade, no controle das zoonoses, ecto e endoparasitas, além de muitas outras práticas que concorrem para o aumento dos índices zootécnicos. Só assim, com a conscientização, de todos os elos da cadeia (produtores, indústria, técnicos e indústrias de insumos) de que se devemos trabalhar juntos para um mesmo propósito é que estas metas poderão ser atingidas.